

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 259

## Assinaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600; Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

## Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

## INSTRUÇÃO SECUNDARIA

A falta de qualidades praticas, ou, por outra, a falta de senso, caracteriza profundamente os portuguezes. É a falta de coragem.

Por isso mesmo, todas as leis, todas as reformas, todas as reformas são estereis entre nós.

Clama-se, por exemplo, que o regimen d'instrução secundaria não deu resultado nenhum. Todos pedem que a lei seja alterada e—cada cabeça, cada sentença—todos indicam a maneira de a remediar. Ninguém se lembrou, contudo, que todas as leis serão más, que todas as reformas darão o mesmo resultado, emquanto se não reformar aquillo que ninguém quer que seja reformado, que é a preguiça nacional, que é a falta de zelo, a falta de methodo, a falta de civismo.

O peor regimen d'instrução secundaria dará melhores resultados com professores inteligentes e zelosos do que o melhor regimen com professores sem methodo, sem intelligencia e sem vontade.

Quem diz em Portugal que o professorado, salvas honrosas excepções, é uma lastima?

Ninguém. gastam-se palavras, enchem-se columnas a berar contra o latim, contra o numero de disciplinas, contra o excesso de licções, enfim, contra a lei. Mas todos se esquecem, ou todos fingem esquecer-se, de que com mais latim ou menos latim, com mais disciplinas ou menos disciplinas, com mais licções ou menos licções, o resultado será o mesmo, desde que o professor não saiba ou não queira ensinar.

A grande campanha seria demonstrar que o professor não explica as licções ou as explica mal; que não se esforça porque os rapazes aproveitem; que chama ás licções os protegidos e não chama os desprotegidos; que não marca notas más aos protegidos, quando elles não sabem a licção, e que está sempre prompto a marca-las aos desprotegidos; que chama novamente á licção os protegidos quando elles, por ventura, andaram mal, para os compensar da falta de nota ou d'uma nota inferior e que não é equitativo fazendo o mesmo aos desprotegidos; que se vinga nos alumnos da má vontade que lhe inspiram os paes, os tutores, ou, por qualquer circumstancia, o proprio alumno; enfim, que não faz da sua profissão um sacerdocio, tomando a peito o alto encargo que o paiz lhe confiou.

Isto é que se devia dizer. Isto é que se devia escrever, porque é profundamente verdadeiro. Não

o ignoram, não o devem ignorar, todos esses que andam para ali a dizer que são paes e que reclamam, como paes, a reforma da lei d'instrução secundaria.

Porque o não dizem?

Quem escreve estas linhas não é suspeito,—não o póde ser—de partidario faccioso da lei d'instrução secundaria. Essa lei foi publicada por João Franco, e nós, bem o temos demonstrado, somos adversario implacavel d'essa nova torpeza politica que se chama o franquismo. Nenhum outro motivo temos para a defender, e, de facto, não a defendemos. Mas causa-nos sincera indignação vêr tanta hypocrisia e tanta covardia. Diga-se que a lei é má, que isso pouco nos importa. Accrescente-se, porém, que se ella é má, peores são aquelles que a executam e que são, por via de regra, os mesmos que a desacreditam. Porque a grande immoralidade é esta. Os maiores detractores do regimen de instrução secundaria são, precisamente, os professores.

A grande immoralidade é essa. E ninguém tem coragem para a combater. Falta a uns; outros dizem mal por *ouvir dizer*.

Que nos importa a nós que se reforme a lei, se não se reformam os professores? A melhor lei será má, será esteril, será inutil, se o professorado for mau.

E em Portugal não é mau; é pessimo. Isto sem o proposito nenhum de ferir essa classe, entre a qual, aliás, ha individuos que cumprem nobremente o seu dever. Deus nos livrasse de commetter a tremenda iniquidade de fazer uma excepção para o professorado portuguez. Não. Compreendam-nos bem. O professor é como o militar, é como o manga d'alpaca, é como todo o bom indigena. A grande norma do funcionario indigena, e de todo o cidadão, é *não se ralar*. Viver sem dificuldades, sem attrictos, sem trabalho, é a suprema aspiração de toda a gente. Dos interesses geraes todos se riem. Ainda ninguém se chegou a convencer que trabalhar pelos interesses geraes é trabalhar, ao mesmo tempo, pelos interesses de cada um, e que trabalhar exclusivamente pelos interesses de cada um é ferir de morte os interesses de todos.

O professor, pois, não é uma excepção. É a regra. Mas falemos agora d'elle, visto que falemos agora da instrução. Como de inditica maneira falaríamos do militar se tratássemos do exercito, ou do manga d'alpaca se tratássemos de qualquer ramo da administração civil.

Mas se todos são assim, que fazer? dir-nos-hão. Que fazer! Quando mais não seja deixar es-

tar o que está. É mais economico, é mais digno, é mais sensato.

A grande reforma a fazer n'este paiz é, antes de mais nada, a reforma do costume. Para ali se deviam voltar os moralistas. E conseguir-se-hia muito, ou neguem o poder da educação, a força da verdade, o effeito da propaganda. Se os jornalistas, se os parlamentares, se os homens que falam e escrevem em qualquer parte e de qualquer fórma, tivessem, a proposito do ensino secundario, registado as faltas do professorado; essas faltas, necessariamente, teriam diminuido. Necessariamente. Mas se o não fazem, para que alterar a lei?

Para que se conclua, em boa consciencia, que a lei é má, é indispensavel que a lei haja sido fielmente executada.

E foi-o?

Não. Para que altera-la, pois? Para ficarmos como estavamos? Não vale a pena.

Das duas, uma. Ou aquelles que pedem a reforma de instrução secundaria ignoram que o peor mal d'essa reforma é a falta de civismo e de capacidade pedagogica no professorado, ou não ignoram. Se ignoram, peccam por leviandade. Se não ignoram, peccam por má fé e covardia.

Em qualquer caso, reformar a lei será uma verdadeira inutilidade. Ficamos como estavamos.

Reformem os costumes. E os costumes reformam-se com a propaganda intensa da verdade.

A primeira reforma a fazer em Portugal, é essa.

### Offerta importante

Attendendo ao appello que aqui fizemos ha tempo, o benemerito filho de Aveiro, sr. João dos Santos Silva, que actualmente reside em Lisboa, encarregou o sr. Maximo Henriques de Oliveira, entendido mestre de obras d'aqui, a entender-se com o sr. José Casimiro da Silva, professor official da freguezia da Vera-Cruz, a fim de que este sr. mandasse vir do estrangeiro o resto dos quadros parietaes que faltavam para a sua escola, promptificando-se o sr. Santos Silva a pagar toda a despeza que se fizesse.

Effectivamente, na semana finda, chegaram a esta cidade todos esses objectos, que montaram á importancia de 31:685 réis, conforme a conta que acabamos de vêr.

Actos d'estes nobilita quem os pratica e dizem bem alto do entranhado amor que aquelle cavalheiro nutre pela sua terra e pelos progressos da instrução, que se torna tão precisa ao homem como o pão com que se alimenta.

Bem hajam os que assim procedem.

Pela nossa parte agradecemos ao sr. Santos Silva a consideração que lhe mereceram as nossas palavras.

O povo não se instrue porque trabalha de mais, os ricos não se educam porque não trabalham nada. —BERNARDINO MACHADO.

## REPUBLICANOS DE AVEIRO

Perguntam-nos alguns amigos nossos, da localidade, se não será chegado o momento dos republicanos de Aveiro juntarem os seus esforços aos que estão fazendo outros republicanos do paiz, para a constituição d'um forte partido democratico, e se uma tentativa n'esse sentido não mereceria a nossa sympathia, provocando os nossos applausos.

Responderemos que já explicamos e já definimos a nossa attitude n'esse ponto.

Nós ficamos á parte, conservando, como até aqui, a mais completa independencia. Mas estimamos, desejamos, defendemos a reorganização das forças republicanas—fômos dos primeiros a dizê-lo na imprensa—e ninguém, mais do que nós, desejará um exito completo aos trabalhos que n'esse sentido se estão realisando.

Será coroada de successo a tentativa? Não será? É o que não podemos dizer com segurança. Mas, seja ou não seja, é dever de todos não a embaraçar. Mais do que isto: é dever de todos auxilia-la.

Os republicanos de Aveiro farão, pois, por mais do que um motivo, muito bem em se congregar, em se unir, para constituirem, com todos os republicanos do paiz, um partido democratico á altura da missão e da responsabilidade que as circumstancias graves da politica de casa e da politica de fóra cada vez mais lhes estão impondo.

Para isto varias coisas são precisas e a primeira d'ellas todas é abnegação, é sinceridade, é lealdade. A republica, convençam-se d'isso os republicanos, não ha de cair do céu, como o manná no deserto,—Deus já não pratica, nem tornará a praticar, d'esses milagres biblicos—nem a hão de fazer os monarchicos, como muitos, n'uma esperança que nem abona a sua intelligencia nem o seu character, ainda confiam. A republica ha de ser feita pelos republicanos, e não se faz sem trabalho, sem sacrificios, sem todos darnos provas de amor aos principios, á patria, a nós mesmos.

D'isto é que os republicanos portuguezes se não convenceram, ainda, completamente.

Os monarchicos poderão, sim, proclamar a republica n'um momento dado. Mas uma coisa é proclamar a republica, outra coisa é fazer a republica. Faze-la, só a faz quem ama a liberdade, quem ama a justiça, quem ama os progressos, a civilização, a grandeza da terra em que nasceu. Uma republica proclamada pelos monarchicos, sem que os republicanos tenham força, para, pelo menos, os vencerem e subordinarem, desde logo, dentro do novo regimen, será a continuação da torpe oligarchia em que temos vivido até hoje.

É indispensavel que os republicanos portuguezes, se querem fazer alguma coisa, reconheçam bem os erros que tem commetido até hoje, e d'elles profundamente se convençam, porque só d'essa convicção poderá resultar a emenda.

Os republicanos tem procedido sempre como uns impulsivos, ou como uns fanaticos,—sem a força d'abnegação do fanatismo—e esse tem sido o seu maior desastre. Erguem-se, n'uma excitação de momento, a protestar, a ameaçar, mas passada essa excitação acabaram-se

os protestos, acabaram-se as ameaças, acabou-se tudo. Estão sempre promptos a trabalhar pela republica, se a republica se póde fazer em poucos mezes. Senão, não. Desanimam, tornam-se indifferentes; abandonam-se á preguiça, ao relaxamento, ao egoismo. E passam então a vida a espreitar o momento em que os monarchicos, por ambição ou por despeito, lhes poderão dar aquillo que elles se julgam impotentes para obter.

O sr. Emygdio Navarro escreveu nas *Novidades* uns artigos vermelhos? Logo elles se sobressaltam, d'um extremo ao outro do paiz, na esperança de que o sr. Navarro possa trazer no bolso a republica. O sr. Fuschini pisca-lhes o olho? O sr. Baracho dá uma esperança, por mais leve que ella seja? Nova anciedade, novo sobressalto. E assim com todos.

Até esperem agora que o sr. João Franco seja chamado ao poder, para que o insuccesso das suas promessas possa trazer ás fileiras republicanas aquelles que o acompanham! E então sim. Será certa a republica!

São numerosos os republicanos que, por esse paiz fóra, assim pensam e assim o proclamam. N'essas ingenuidades, que os amesquinham, veem arrastando, de ha muito, uma vida triste, uma vida ingloria. Não só o seu esforço é nullo, como afastaram de si todas as energias honestas, todos os espiritos patrioticos e orientados, que se esterilizam e se perdem n'esta malfadada terra portugueza á falta d'um ponto de apoio, d'um nucleo de concentração, que eleve e não deprima, que alente e não desalente, que seja uma garantia em vez de uma des- esperança.

A isto, que já seria muito, é preciso juntar ainda a falta de solidariedade, a intolerancia em que os republicanos vivem uns para com outros. Diz-se que isso é um vicio das democracias. Talvez. Mas como em Portugal tudo se imita até ao exaggero, tambem esse vicio entre nós tomou proporções fóra do commum.

N'esse ponto, o espectaculo, que até hoje nos dêram os republicanos, é curiosissimo. Por um lado não toleram que se dirija em publico a menor censura a um republicano bem cotado no partido, por mais que elle affronte os principios. Por outro lado estão sempre promptos a negarem uns aos outros mutuo auxilio, e até a prejudicarem-se acintosamente. Ser republicano; em vez de um titulo de recommendação para os *correligionarios*, tornou-se motivo de má vontade, ou, pelo menos, de desconfiança, de rivalidade, de ciume.

Em publico, n'um jornal, n'uma conferencia, ha intolerancia absoluta no que toca á censura feita a erros commettidos. Não é preciso atacar. Basta censurar e censurar suavemente. Que dizemos? Basta divergir. Apenas, hoje, se tolera isso um pouco ao *Povo de Aveiro*, pela sua tradição, pela auctoridade que os factos lhe tem dado, e tambem, digamos tudo, porque nós somos algum tanto duros de roer. Não queremos dizer com isto que não tenha havido da nossa parte, uma ou outra vez, um certo excesso. Mas isso não altera em nada o principio fundamental de absoluta intolerancia que tem sido norma no partido republicano, principio sob todos os pontos de vista condemná-

vel. Devem ser banidas as retaliações e as diatribes pessoais. De accordo. Mas a censura, sem injurias, sem violencias, sem offensa da dignidade pessoal de cada um, a censura que corrige, que reprime, que pôde evitar novos erros ou desmandos; mas, no mesmo tom elevado e digno, a divergencia de opiniões, que esclarecendo e guiando, isso nunca, deveria ser um mal, quanto mais um crime, e, no entanto, nem isso tem sido permitido no partido republicano, que deixou assim de ser um partido de pensadores e homens ativos para se confundir, até certo grau, com as quadrilhas monarchicas, aggremações de especuladores, ligados, na grande maioria, pela ambição grosseira ou pelo interesse egoista e sordido.

Em publico, pois, como iamoz dizendo, convencionou-se que os republicanos não digam mal uns dos outros. Em particular foi admittido que se guerreassem ferozmente, que não existisse entre elles o menor laço de solidariedade. E assim se tem visto, a par do mais descarado e ultrajante elogio mutuo entre os da mesma egreja, o maior abandono d'aquelles que commungam em outra capella, ou que não commungam em capella nenhuma. E assim se tem visto que ao passo que Fuschini, Dantas Baracho e outros muitos, que em certos instantes dão esperanças de trazer a republica no bolso, são alvo d'um servilismo abjecto da parte de numerosos republicanos, homens de valor, que toda a vida defenderam a republica com intelligencia, sacrificios e constancia, são esquecidos, quando não são perseguidos.

Ora não pôde, nem deve, continuar esse estado de coisas.

Os republicanos querem-se constituir em partido forte, que seja um grande nucleo de concentração para tantas intelligencias dispersas, para tantos homens de caracter que se perdem n'um lastimoso e triste isolamento? Devem emendar os seus erros e corrigir os vícios adquiridos e mantidos. Devem orientar-se seriamente no sentido dos interesses da democracia e da patria. Mas isso a valer. Compenetrem-se bem da imperiosa necessidade de o fazer.

Nesse proposito terão todo o nosso auxilio e todo o nosso applauso. E serão benemeritos todos os republicanos que, para tal proposito, se congregarem e unirem.

Fazem, pois, os republicanos de Aveiro muito bem em se organisarem, em constituirem as suas commissões parochias e municipal, em entrarem no grosso do partido, em concorrerem sinceramente para a obra patriótica do levantamento da idéa democratica, que tem estado abatida. Nós ficamos de fóra. Nem por isso deixaremos de os applaudir e de os auxiliar, ainda que entre elles estejam as pessoas que particularmente mais nos desagradam. Comtanto que lá não estejam apostatas ou torpes especuladores, esses bandoleiros que vão correndo todos os partidos, que vão servindo todas as causas, que são cúmplices nas torpezas do regimen, para nos dizerem ao ouvido que são mais republicanos do que nós. Abaixo esses bandalhos. Fóra com elles de uma vez para sempre.

Republicanos. Só republicanos. Republicanos sinceros, por mais erros que tenham commettido.

Com esses seremos impessoalissimos. Amigos ou inimigos, é o mesmo. Acima de tudo o amor da patria e da republica.

Urge tocar a reunir. Ninguém sabe o que será o dia de amanhã. Unam-se. Preparem-se para combater, com enthusiasmo e com abnegação, enthusiasmo para vencer, abnegação para soffrer e para esperar. Se a Republica vier breve, tanto melhor. Mas se não vier, é o mesmo.

Saber esperar é uma grande virtude.

Esperemos, e, no entanto, trabalhemos.

A civilização d'um povo julga-se sobretudo pela da massa popular.—  
BERNARDINO MACHADO.

## CRUZ VERMELHA

Recebemos a seguinte circular, que gostosamente publicamos.

A obra da Cruz Vermelha é uma obra de humanidade, altamente sympathica, fructo já da grande propaganda pacifica e civilisadora que no seculo desenvolve tanto se alastrou e avolumou. E', pois, de esperar que o seu generoso appello encontre o mais vivo apoio em todo o paiz:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Povo de Aveiro.—A grande obra humanitaria de que se occupam actualmente todos os povos da Europa e da America, e que tem por fim suavisar, quanto possivel, os males da guerra russo-japoneza, prestando soccorro aos feridos e doentes de ambas as partes belligerantes, poz em actividade a commissão central da Sociedade portugueza da Cruz Vermelha, a que presido, a qual resolveu, na sua sessão de 23 do corrente, dirigir um caloroso appello a toda a Imprensa Periodica do paiz, sollicitando o seu poderoso auxilio para a iniciação de uma subscrição publica em favor das victimas da guerra.

Conta a commissão central da Cruz Vermelha, para a realisacão do seu proposito, com as sympathias de todas as pessoas caritativas, e espera que estas se apossarão a collaborar n'esta obra, a qual representa não só a pratica da sublime virtude do amor christão, mas um encargo patriótico; pois seria deploravel que a nacionalidade portugueza figurasse pela abstenção, na lista de todas as outras nacionalidades, que tão desveladamente estão concorrendo com valiosissimos donativos para soccorro das desgraçadas victimas da guerra.

Por tudo isto, e dando cumprimento ás deliberações da commissão central, tenho a honra de dirigir-me a V. Ex.<sup>a</sup>, invocando os seus sentimentos humanitarios, e patrioticos, para que se digne auxiliarnos, concedendo e impetrando, de todos os cidadãos e de todas as collectividades, quaesquer donativos em dinheiro, os quaes—pequenos ou grandes—serão recebidos com igual reconhecimento e irmãmente distribuidos, por metade, entre os Comités Centraes da Cruz Vermelha Russa, e da Cruz Vermelha Japoneza, com quem estamos em correspondencia.

A commissão central portugueza não hesita em garantir, por si e pelos referidos Comités Centraes dos paizes belligerantes, a fiel applicação de todos os donativos, ao fim para que são subscriptos.

Contando antecipadamente com o resultado da subscrição, a nossa commissão central fez já uma primeira remessa de 100 libras sterlingas a cada um dos referidos Comités.

Na séde da Sociedade, Praça do Commercio, esquina da rua da Prata, se recebem desde já, e em todos os dias (com excepção dos domingos) das 11 ás 4 horas, quaesquer donativos individuaes ou collectivos. Para o mesmo local pôde ser remettido o aviso de vales postaes nominaes, pagaveis á Sociedade da Cruz Vermelha ou ao thesoureiro.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>  
Lisboa, 25  
de fevereiro de 1904.

O presidente da Cruz Vermelha portugueza  
Duque de Palmella.

### Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje no jardim, se o tempo o permittir é o seguinte:

Imprensa Militar, marcha (Guerreiro) «Ernani». Final do 4.<sup>o</sup> acto (Verdi) «Tannhauser». Selection da opera (Wagner) «Si J'Etai Roi». Ouverture (Adam) «Le Retour du Printemps». Suite de walsas. (Waldtenfel) «L'Aquilla». Passe Passe Calle. (Wagner).

## Cartas d'Algures

4 DE MARÇO.

O heroismo, o valor, a coragem, são agora palavrões muito em voga a proposito da guerra entre a Russia e o Japão. Nada mais falso! Verdadeira hypocrisia!

O homem é covarde, pusillanime, poltrão, como manifesta em todos os actos da vida quotidiana. A coragem, a altivez, a abnegação são n'elle qualidades verdadeiramente raras. Na paz, como na guerra.

Não arrisca um cabello, quanto mais a vida, em defeza da verdade perseguida, da justiça offendida. A sua vista se commettam, a toda a hora, os maiores atropellos, as maiores violencias, sen que da sua parte haja o menor esforço para as evitar.

E' escravo de todos os preconceitos, das mais estupidas convenções. Não se atreve, sequer, a usar umas calças ou um chapéo que possa merecer os reparos dos outros.

E diz-se corajoso! E diz-se heroico! Mentira. Indigna mentira.

E' o mais abjecto de todos os animaes, porque só elle é capaz de se humilhar, de se rojar, de soffrer todas as vergonhas por um misero interesse de momento.

Só elle!  
Corajoso, nobre, heroico! Que mentira! Elle, que está sempre prompto a morder, e a vender, o seu semelhante!

Covarde, até quando parece valente. Covarde quando se bate em duello por uma estúpida convenção, contra a qual se não atreve a reagir. Não é a coragem que o arrasta, ahí. E' a falta de animo, para receber as censuras do maior numero, que arvorou em dogma um uso estúpido. Vae ao campo da honra cheio de medo, embora appareando serenidade. Vae em nome d'uma falsa coragem. E vae, porque é mais facil escapar d'um tiro do que escapar das linguas do mundo. Não vae em nome da verdade. Vae em nome da mentira. Vae em nome da hypocrisia. Não vae por coragem. Vae por covardia.

Sempre que d'um lado pesa uma influencia maior, o homem procede em virtude d'essa influencia. Supporta todos os jugos, sempre que, para os sacudir, tenha de correr o menor perigo.

Proclama a guerra, apregoa valentias, estigmatiza o medo, e treme de medo sempre que tem de entrar em guerra. Fanfarrão, acobertado com uma coragem postiza, escravo das opiniões dominantes, que não tem valor para repellir, vae á guerra pelo mesmo motivo porque vae ao campo da honra.

O medo, que se apodera do homem no campo da batalha, e que só desaparece quando vem a loucura, verdadeira loucura, da carnificina, é já hoje uma coisa indiscutivel.

E' conhecido o ruído singular dos regimentos de cavallaria, e o ruído, não menos singular, embora d'outra especie, dos regimentos de infantaria, nos instantes que precedem o inicio do combate. Só ao medo é attribuido o facto de milhares de tiros disparados produzirem resultados relativamente insignificantes.

Ha homens excepcionaes, que arostando o perigo tranquillamente por um esforço supremo da vontade. Mas esses são os primeiros a confessar que só á força de grande imperio sobre si proprios conseguem dominar o medo, que d'elles se apodera. Taes, entre outros, Turenne e Skobeleff. Verdaderamente corajosos, estes!

E', pois, muito menos sólida do que se imagina a coragem do soldado na guerra. E, em todo o caso, vale bem menos que a d'aquelle que se liberta da escravidão dos habitos maus, dos preconceitos estupidos, das convenções ridiculas; que a d'aquelle que se emancipa d'uma opinião publica desorientada ou desvairada; que a d'aquelle que luta pela verdade e pela justiça. Esta é a grande coragem, a corajosa

gem sublime, a coragem rara que devemos admirar e exaltar, a coragem que eleva o homem acima do bruto.

E alonguei-me em philosophias quando eu queria falar sobre esse perigo amavello que está na ordem de dia, o perigo tão preconizado por Faguet, homem pouco da minha sympathia, pessimista á outrança, que no furor das suas pregaçãoes chega a tocar as raizas do ridiculo, como quando imagina a Europa federada engolida pelos soldados do rabicho.

Como o diabo do homem toma a coisa a sério é que dá vontade de rir! Elle e outros. Não pégo n'um jornal que não lêia artigos propheticos, e patheticos! sobre a futura invasão dos amarellos na Europa.

E' a mania das originalidades. D'esse mal soffremos nós. Todos querem ter a sua idéa e o seu remedio.

Pois descancem. Antes da China vir conquistar a Europa, irá a Europa conquistando a China. A Russia já começou. Já começaram todas. Mas a Russia com mais decisão.

Imaginar que a Europa, com todo o seu formidavel poder de civilização, com 30 milhões de soldados, sem contar com o auxilio da America, havia de estar á espera que a China se armasse, se enriquecesse, se civilisasse para a vir engulir d'uma vez só, é d'aquellas chimeras que ainda espantam.

Valha-os Deus.  
D'essa estamos nós livre. E os nossos netos também.

A. B.

### Aos nossos assignantes

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes o favor de pagarem os recibos das suas assignaturas logo que elles lhes forem apresentados, para nos evitarem maiores despezas de cobrança. Assim procedem quasi todos. Alguns porém, desculdam-se, e d'ahi resultam embaraços que desejamos evitar.

Esperamos que esses atenderão este pedido.

### Ainda a ponte da Bestida e as da Gafanha e Angeja

Sobre este momentoso assumpto publicava o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, em telegramma expedido da capital, com data de 1, o seguinte:

#### A ponte da Murtoza

O sr. ministro das obras publicas declarou hoje na camara que não ordenou a construcção da ponte da Murtoza como affirmaram varios jornaes. Mandou apenas estudar o local e condições em que essa ponte poderá ser construida, estudo que só se concluirá dentro de trez mezes. Affirmou que não concederá quantia alguma para a construcção d'essa ponte.

Será assim, será. Isso pouco nos importa.

Mais uma vez repetimos o que aqui dissémos duas vezes no numero passado do *Povo de Aveiro*: «somos por todos os melhoramentos publicos, especialmente pelos que dizem respeito ao nosso districto», mas não podemos tolerar, sem o nosso vehemente protesto, que o governo mande proceder aos trabalhos perleminares da ponte da Bestida, (logo que assim querem que seja) que vae, segundo os calculos mais provaveis, a perto de 600 contos e lance ao ostracismo as pontes da Gafanha e de Angeja, que se construiriam por menos da quarta ou sexta parte d'essa importancia.

E tudo por causa da collocacão d'um parochol!

Se olharmos para o lastimoso estado em que se encontram estas duas ultimas, se olharmos ao dispendio que annualmente é feito com remendos que lhes fazem e nos quaes se tem gasto mais dinheiro do que na construcção de duas pontes de ferro, seria para ellas que voltariam as suas attentões, jámais por que a da Gafanha é uma verdadeira armadilha onde, mais dia menos dia, cahirão ratos humanos.

Com fundada razão extranhámos agora que, a simples collocacão de um parochol, desse occasião a que o governo se occupasse da ponte da Bestida quando nunca se lembrou d'aquellas.

E não cessaremos de prevenir o publico do perigo constante em que está a da Gafanha e tambem de pedir ao governo que evite uma desgraça certa, ordenando a sua substituição por uma ponte de ferro.

A de Angeja não está de menos necessidade e d'ella se paga a respectiva portagem.

### FESTA INTIMA

O nosso prezado amigo Antonio Maria Ferreira festejou no dia 29 o anniversario natalicio de sua filha Guilhermina, que elle, como pae extremosissimo, adora.

A essa festa intima, que decorreu por entre alegrias e ternas expansões de toda a familia Ferreira, veio assistir de Lisboa o nosso velho e prezadissimo amigo João Ferreira, de Braga o nosso prezado amigo Joaquim dos Santos Silva e de Coimbra o sr. capitão Homem Christo.

Ao nosso amigo Antonio Maria Ferreira, que tem um admiravel coração de pae, muitas felicitações, e á joven e adoravel Guilhermina muitos annos de vida e mil venturas.

### SOBERANIA POPULAR

Com este titulo, e em novo artigo publicado no *Tempo*, de excellente doutrina como o primeiro, escreve o sr. Dias Ferreira:

Então a chamada representacão nacional deu de todo em droga por consenso unanime de todo o paiz e com o accordo d'ella mesma.

Assim, ha dias, um membro da mesma camara, em plena assembléa, usava do apito.

Mas não usava do apito pedindo soccorro contra qualquer horda de malandros ou de bandidos que pretendessem forçar as portas da representacão nacional e investir com os augustos conselhos da nação.

Não.  
Contra quem o deputado apitava era contra a propria representacão nacional.

O illustre deputado usando do apito julgou-se ahí para as bandas da Mouraria, altas horas da noite, quando a fadistagem dos antros ameaça a algibeira e a vida do cidadão que passa.

O uso do apito significava que o illustre deputado se julgava transportado das cellas do velho mosteiro de S. Bento para as viellas perigosas e arriscadas do bairro mais antigo de Lisboa.

Mas a mais eloquente não foi a manifestação individual do cidadão, aliás pessoa muito distincta, que lançou mão do apito nas horas de estalar.

Esse acto individual podia explicar-se pela paixão politica que conduz muitas vezes ás maiores aberrações.

O mais eloquente foi que côrtes e nação se associaram em applausos ao uso do apito contra a assembléa intitulação de representantes da nação.

Na camara todos acharam graça ao acto mais deprimente que pôde

imaginar-se para aquelles a quem era dirigido.

No paiz todos deram razão ao inventor do expediente contra as monstruosas deliberações do corpo politico, que em vez de ser advogado do governo devia ser advogado dos povos.

Mas ha mais e melhor. A poucos dias do uso do apito vinha na mesma camara dos deputados outra scena, senão mais engraçada decerto mais significativa do que o caso do apito, destruir a monotonia das discussões.

Era a venda do vinho em pleno parlamento. Um deputado não encontrava quem lhe comprasse o vinho.

Outro representante do povo fazia-lhe logo a compra a preço fixo. Se não fôra a magestade da tribuna onde o contracto se fazia e a cotação politica das altas partes contractantes, dir-se-hia que estavam tratando negocios de taberna no mesmo lugar destinado exclusivamente a fabricar leis sabias e justas para felicidade da nação.

Pois dentro e fóra da camara todos acharam graça ao facto de se ajustar a compra do vinho na mesma casa e ao mesmo tempo em que se deviam discutir e resolver as questões que mais interessavam á vida da nação.

Seja porém como fôr, interpretem-se como se interpretarem os factos excepcionalmente extraordinarios do uso do apito em plena camara contra a mesma camara, e das negociações para compras e vendas de vinho, no seio da representação nacional, é certo que a instituição camara dos deputados deu o que tinha a dar e que se torna indispensavel remar por outro lado para acudir aos direitos do cidadão e á algeibra do contribuinte.

**Theatro Avelrense**

No proximo dia 13 do corrente haverá no nosso theatro um espectáculo promovido pelo Grupo Dramatico Boa Esperança, do Porto, subindo á scena a engraçadissima comedia em 2 actos,—*Tira d'ahi a... menina*—a chistosa comedia em 1 acto—*Os ciúmes*—e o monologo—*A morte de Dido*.

E' de esperar uma casa boa, attento a que as comedias devem agradar.

Os bilhetes encontram-se á venda em casa do sr. Francisco Migueis Picado, á rua Direita, e os preços são os da casa e ao alcance de todas as bolsas.

**APOSTATAS**

Escreve-nos alguém, que não conhecemos, a perguntar-nos se o auctor do manifesto dos republicanos de Aveiro, publicado em 1892, é o lindo Mijareta.

Não é. O lindo Mijareta ainda n'esse tempo era um menino.

Mas, já que falaram no lindo Mijareta, não será asneira nenhuma vêr o que elle dizia tambem,

**FOLHETIM**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

**O OLHO DE VIDRO**

(Romance historico)

XIV

**O segredo horrível**

Ao outro dia, Francisco Luiz foi convidado a jantar com o seu medico. A condolencia a que o movera a infelicidade do hebreu Sá Mourão atou mais n'alma os liames de sympathy com que o Olho de Vidro o entranhára na intimidade dos seus.

O israelita de Ourem ia triste. Dir-se-ia que nunca elle, até á vespera d'aquelle dia, devéras se convencerá da morte do seu Antonio de Sá. Tantos annos idos, e elle ainda a querer-lhe e como que a esperal-o! Já o seu contemporaneo Barreto lhe havia

como republicano encarniçado, não em 1892, mas em 1898. E fica-se com uma idéa exacta do valor moral de todos os corypheus do franquismo, na localidade.

Jayme Duarte Silva, bacharel formado em direito, homem de varios meritos e virtudes, fundou n'esta cidade um periodico republicano, em 1898, intitulado *Jornal de Aveiro*. Ora no numero 4 d'esse semanario, de 20 de março do referido anno, dizia o illustre bacharel, a proposito de umas palavras proferidas na camara pelo então deputado Luciano Monteiro:

«O tribunal popular que um dia se ha de reunir, não dá effectivamente meias sentenças: dá a absolvição ou a morte! O que faltou ao sr. Luciano Monteiro foi a certeza nas suas palavras. Esqueceu-se de dizer que Deus não quer, que Deus não pôde proteger mandris e traidores: que Deus, se existe, tal como o apregoam, é bom e justiceiro.

Faltou, pois, ao sr. Luciano Monteiro dizer que o tribunal popular revolucionario se tem de reunir mais tarde ou mais cedo, e então decidirá em ultima instancia da sorte d'esses corruptos que, cheios de hypocrisia, cheios de interesses e de ambições, cavaram a ruina de Portugal, levando-o ao abysmo.

De resto são boas as suas palavras. De resto o que disse é conceituoso e verdadeiro.

E foi dito com consciencia, porque o deputado da minoria sabe, tão bem como nós, que todos esses actos que se veem praticando ha quasi meio seculo, que esse modo porque se tem governado em Portugal, levando-o ao descredito e á insolencia, é uma série ininterrupta de crimes, de audaciosos crimes que pedem a pena ultima, que pedem a decisão serena e fria do Povo que tem sido a victima pacifica d'este estado de cousas, d'esta forma de governação corrupta, vil, malevola e indecente!

Do Povo que tem dormido!  
Do Povo que acordon!

Julgava elle que tinha accordado. Accordar o povo era dar papa ao illustre bacharel. Vinha a Republica e a Republica não podia ser ingrata com os seus filhos. Mas como o povo não accordou, o illustre bacharel não esteve com mais aquellas: passou a fazer causa commun com os corruptos que, cheios de hypocrisias, cheios de interesses e ambições, cavaram a ruina de Portugal, levando-o

dito na summa o que Braz de Abreu lhe dissera, e todavia o convencimento da morte do marido de D. Maria não o tinha ainda penetrado, ao que parecia.

Durante o jantar, como nenhum estranho assistisse, a fóra o hespanhol —que nunca se esquecera de o ser na linguagem — praticaram largamente ácerca dos actos do santo officio na Peninsula. O hespanhol relatou a sorte dos judeus em diversas partes do mundo, para concluir que em Portugal e Castella eram elles mais perseguidos do que poderiam sê-lo no inferno se, como piamente cria, Deus os tinha castigado com fogo infinito.

Braz de Abreu, posto que familiar do santo officio, recebeu de boa sombra aquella um tanto ironica reflexão do commensal, attribuin-do a genio hespanholado a comparação faceta.

Voltando á conversação da noite anterior, reflexionou Francisco Luiz que, tendo estudado algum tanto os

factos da inquisição de Portugal, notára que a santa bandeira de S. Domingos de Gusmão era pouquissimo misericordiosa com os hebreus medicos ou estudantes de medicina. E ajuntou:

— E' sabido segundo me fizeram crer alguns foragidos de Portugal, que os estudantes de medicina apenas licenciados, ou se acreditavam como familiares do santo officio, ou se expatriavam antes que a inquisição os desterrasse d'este mundo. Dou como exemplo Henrique de Castro Sarmiento...

— Foi meu condiscipulo—stahou Braz de Abreu.

— Pois então sabe vossemecê que elle está em Londres, com o nome de Jacob de Castro Sarmiento, em tanto credito e dignidade que, pouco ha, foi elevado á cathedra de membro do collegio real dos medicos, e socio da sociedade real de Londres? Este grande sabio, e co-reformador da sciencia,

**BAZAR DO RECREIO ARTISTICO**

Receberam-se mais prendas das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>: D. Emilia Branca, 1 estojo contendo canetas, lapizeira, borracha, raspadeira e tinteiro. D. Maria Ignez Champalinand Duff, 2 almofadões para sophá, em veludo, sendo um pintado a oleo, 2 quadros pintados a oleo, 1 par solitarios, 1 chavena e pires de porcelana dourada, 1 par de flozeiras, 2 cestos metallicos de phantasia e 1 pano bordado para sapatos. D. Deolinda Freire da Encarnação, 1 descanca-relogio em seda (bordado). D. Maria Rita Sarabando, 2 palmatorias de vidro e 1 prato tambem de vidro. D. Eduarda de Jesus Moreira, 1 bilheteira em seda, (bordada). D. Natividade da Trindade Corrallo, 2 *passaport* para retractos.

A direcção da sociedade insta novamente com todas as pessoas a quem enviou cartas e circulares, a fineza de não demorem a sua resposta para boa regularidade das coisas.

**Empreza Ceramica da Fonte Nova**

Acaba esta empreza de augmentar os productos da sua fabricação e introduzir melhoramentos novos nas suas officinas, tornando assim aquelle estabelecimento um dos melhoes no genero no paiz.

A telha pelo systema de Marselha que alli se fabrica, é de muito boa qualidade, e vae tendo largo consumo tanto entre nós como para fóra.

Recommendamol-o aos nossos leitores e ficamos certos que muito aproveitarão fazendo as suas encomendas alli.

Na secção competente vae o annuncio dos seus novos productos, que são vendidos por preços convidativos.

**A nossa carteira**

Acompanhado de sua familia partiu para a sua casa de Villa Verde, o sr. dr. João Feyo Soares d'Azevedo, digno secretario geral d'este districto.

De Lisboa regressou á sua casa de Ihavo, o sr. dr. Manuel da Rocha Madail e seu filho, o sr. Amadeu da Rocha Madail.

Tem estado em Lisboa o sr. João Marques da Cunha, proprietario e capitalista d'esta cidade.

Tem passado muito encommodado de saude, o sr. conselheiro Emygido Navarro, distincto director politico das «Novidades».

Passou na quinta-feira o anniversario natalicio do sr. José Roballo Lisboa Junior, digno escrivão-ajudante d'esta comarca.

Tambem tem estado gravemente enfermo, na sua casa de Lisboa, o sr. conselheiro Bento Fortunato de Moura Coutino d'Almeida d'Eça.

Está melhor dos seus incommodos, a esposa do sr. Manuel Maria Amador,

Tem estado doente com um ataque de reumatismo, a esposa do sr. dr. Alexandre Correia Telles d'Araujo e Albuquerque, distincto advogado na comarca de Estarreja.

Esteve a semana passada n'esta cidade, o sr. dr. Abilio Goncalves Marques, acreditado clinico, na Oliveirinha.

Esteve segunda-feira n'esta cidade, dando-nos honra da sua visita, o nosso bom amigo sr. João Ferreira, nm dos directores da companhia de panificação lisbonense.

Está doente em Lisboa, a sr. viscondessa de Carnaxide.

**SEMPRE BILTRES**

Os biltres falam em *contas das espingardas*. Não diríamos a tal respeito uma unica palavra, porque não tratamos dos garotos senão quando isso nos convem, sendo-nos, á parte essa conveniencia, infelizmente indifferente o que elles dizem, se não se dêsse o caso engraçado de ser correligionario dos biltres precisamente o unico individuo que está nos casos de poder dar as contas que elles pedem. E sabem-no, os biltres! Sim, os biltres sabem perfeitamente que é esse individuo o unico que pôde com segurança dizer qualquer coisa a tal respeito. Não o ignoram. Mas são tão pulhas que fingem ignorar-lo.

Pulhas sem deixarem nunca de ser asnos. Porque afinal ou hão de tapar a bocca, sem dizerem mais pio a tal respeito, ou o individuo em questão, que é homem sério, terá de vir a publico, por amor da verdade, dizer qualquer coisa a tal respeito.

Epor aqui se avalia mais uma vez o espirito que preside a tudo quanto dizem aquelles biltres.

Repugnantes bandidos, que cada vez nos mettem maior nojo.

Quanto ás contas da subscripção J. Jeronymo Salgado, outra vez repetimos o que já dissémos: estão á disposição de todos os subscriptores que as queiram vêr e serão publicadas immediatamente se algum d'elles assim o de-sejar.

Não ha nada mais positivo. E, posto isso, que vão passear os bandalhetes com as suas intimações ridiculas.

Tem tanto de sujos como de imbecis.

A esperanza anda e luz ao cimo da afflicção como a naphta ao decima da agua.—V. Hugo.

que seria hoje em Portugal, se não se evadisse d'aqui uns quatro annos depois de licenciado? Seria porção d'essa vasa do Tejo por onde se misturam as cinzas de muitissimos da sua raça e do seu alto entendimento. Outro medico houve ali em Coimbra, segundo me disseram, que chegou a pertencer ao corpo cathedratico, e teve de fugir com sua mulher para a India hollandeza.

— Quem era? perguntou o doutor.

— Se' bem me lembro, tinha elle um nome assaz parecido com o de vossemecê. Chamava-se Francisco Luiz de Abreu.

— E' verdade!—acudiu D. Josepha—que nome tão semelhante!...

— E não sei—disse meditativo Braz Luiz—como esse nome me desperta coisas da minha primeira mocidade!

— Pôde ser—tornou o hospede—que, no tempo em que vossemecê estudou, se fallasse ainda no lente fugitivo.

— Creio que sim: ha de ser d'esse

**CARTA DO PORTO**

Na quinta-feira da semana finda, como todos os jornaes relataram, partiu para a capital a grande comissão de industriaes que foi junto do governo interceder para a approvação immediata da nova pauta.

Não sabemos, nem queremos entrar em discussões, quaes os intuitos que tem os industriaes para mais uma vez pedirem a reforma da pauta. Será para beneficiar os operarios, os unicos que precisavam de melhorar a sua miserima situação?

Será para beneficiar o consumidor? Não nos parece, pois desde a ultima vez que a pauta foi reformada a favor da industria o operario tem sido mais mal remunerado nos seus trabalhos e o consumidor mais mal servido.

A nossa opinião, pois, sobre a reforma da pauta é que ella vem beneficiar, unicamente, os cofres dos industriaes.

Todas as manhãs, no tempo actual, se vê atravessar nas ruas d'esta cidade, pelotões de soldados, que debaixo de fóra vão para as differentes egrejas confessarem-se.

Achamos ridiculo e ao mesmo tempo um attentado á liberdade de pensamento, obrigar o militar a confessar-se.

Já não será tempo de terminar com esta imposição reaccionaria?

Já não será tempo de dar ao soldado a liberdade de pensar conforme os dictames da sua consciencia?

Na *Universidade Livre* tem realisado conferencias sobre *Botanica* o distincto naturalista e nosso correligionario sr. Gonçalo Sampaio.

A affluencia, que tem sido numerosa, tem applaudido o illustre conferente.

Recebemos um manifesto, appellando para a intervenção de toda a imprensa, contra o attentado de estarem nas prisões de Hespanha mais de 200 obreiros e que tem recebido torturas atrozes, sendo os seus crimes a grève ou a propaganda da mesma.

Parece inverosimil que nos principios do seculo XX, o seculo do Progresso e Liberdade, se mantenham essas prisões repugnantes.

Não poderemos deixar, como peoneiros da Liberdade, de protestar contra este crime de lesa-humanidade, esperando que os republicanos de Hespanha levantem o grito de guerra. 1-3-904.

A. M.

**Semana Illustrada.**—Sumario: Condessa de Figueiró (illustrado).—Chronica, por M. da Fonseca. Silhnetes, por D. Pacó. As tres gottas, por Coelho Netto. Peadora, por Arthur Doria. Theatros, Modas, ultimas creações (illustrado). O condo de Sabugosa e o Paço de Cintra (illustrado) Muzica.

Recebemos o n.º 14 d'esta excellente Revista litteraria e artistica.

**Liga Naval Portugueza.**—Recebemos o *Boletim Official*, relativo ao mez de dezembro, d'esta patriótica associação, com excellentes artigos e informações.

tempo que me vem estas vagas memorias—redarguiu o Olho de Vidro.—Creio até que elle teria sido contemporaneo de meu sogro.

— Provavelmente seria—obtemperou Francisco Luiz.

— E a mim, me está parecendo—acrescentou D. Josepha—que alguma vez ouvi meu pae proferir esse nome.

— Ouviu?—perguntou o hospede com o coração sobressaltado.

— Onvi, sem duvida... Francisco Luiz de Abreu... Pois não ouvi? quantas e quantas vezes!... Que fim teria esse homem?

— Provavelmente morreu, senhora.—Respondou o hebreu; e proseguiu sem sensível mudança de rosto:—Pois ali tem, senhor doutor Braz, outro exemplo de perseguição á medicina. Ainda bem que vossemecê não teve de provar que o seu apellido nada tinha que ver com o do medico fugitivo.

(Continúa.)

# EMPRESA CERAMICA

DA  
FONTE NOVA  
DE

Mello Guimarães & Irmãos  
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-  
lha, feita pelos processos mais modernos e aper-  
feiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande  
quantidade de telha franceza e seus accessorios,  
e bem assim outros artigos para construcções,  
taes como: azulejos para revestimento de pa-  
redes de variados gostos, vasos para frontarias,  
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos  
que rivalisam com os das principaes fabricas  
congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS  
— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes  
e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zin-  
co, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de  
aço, ratoeiras de ferro e arame, fechadas e dobradiças,  
panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros,  
pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde  
para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em  
massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Com-  
panhia SINGER obtiveram na Ex-  
posição de Paris de 1900 o mais alto  
premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tan-  
tas outras que estas excellentes e  
bem construidas machinas tem al-  
cançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-  
dores de que recebe gado  
para açoagne nas epochas  
propias pelos preços que  
constam do seu contracto.

Venda de couros, em lel-  
lão todas as segunda-feiras  
ao meio dia, em lotes cor-  
respondentes á matança de  
cada dia.

As condições estão paten-  
tes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, san-  
gue secco para adubos, es-  
trume, etc.

Rua da Boa Vista,  
3 Lisboa

### RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO  
PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO  
PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do  
continente, ilhas e ultramar, e na  
CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Quvo.—242.1.º  
LISBOA

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das prin-  
cipaes fundições typographicas, uma variedade de ty-  
pos de phantasia, proprios para obras de luxo. En-  
carragamos, portanto, de toda a obra de impres-  
são, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer  
parte.

Especialidade em cartões de visita

### LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco  
Nacional Ultramarino. Ex-professor pro-  
prietario da 5.ª cadeira  
do Atheneu Commercial de Lisboa  
Perito ante os tribunaes Commercial  
e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o  
paiz o nome do auctor para que preci-  
samos recomendar o valor d'esta obra,  
indispensavel ao commercio e á indus-  
tria em geral.

Esta obra compôr-se-ha  
aproximadamente de 50  
fasciculos de 16 paginas a  
70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo  
do Conde Barão, 59—LISBOA; e no Por-  
to, na Livraria Chariron de Lello & Ir-  
mão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em  
casa de todos os seus agentes das pro-  
vincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fas-  
ciculo specimen a quem o requisitar.

“Povo de Aveiro,”

Em Lisboa, vende-se na  
tebacaria Monaco.

## DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.  
A machina «PFAFF» para alfaiates.  
A machina «PFAFF» para modistas.  
A machina «PFAFF» para sapateiros.  
A machina «PFAFF» para seleiros.  
A machina «PFAFF» para corrieiros.  
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura,  
desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha  
de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.  
A prestações e a diaheiro com grandes descontos.  
Para collegios e escolas de meninas, preços e condi-  
ções especiaes.  
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para  
toda a classe de costura.  
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratui-  
tamente.  
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

## METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada  
pelo governo, 16.ª edi-  
ção, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis,  
cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL  
em 35 cartões, preço, 6000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre  
questões de pedagogia), 1  
vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre e  
prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenadas pelo dr. Theophilo  
Braga, um elegante volume de 525 pag., com  
dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e práctico da Cartilha Maternal, (obra indis-  
pensavel aos  
que ensinam a lôr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João  
de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas  
principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem  
terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus,  
Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer  
explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á  
viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Es-  
trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o  
referido methodo.

### Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita  
aos Arcos, ha sempre excellente  
calçado feito, tomando-se tambem en-  
commenda por medida. Pela segurança  
da obra e pela boa qualidade dos cabe-  
daes se responsabilisam os annuncian-  
tes.

Egualmente garantem a todos a mo-  
dicidade de preços.

Vér para crér

### A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gome-  
de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 16  
—LISBOA.

Preço 200